

VIRGEM ÁRTEMIS: PROTETORA E IMPLACÁVEL

Fátima Regina Sans Martini¹

RESUMO: O presente texto apresenta um recorte da Literatura mitológica, com histórias relacionadas à deusa Ártemis. A seleção de pinturas, gravuras e esculturas, colhidas em acervos museológicos acompanham os textos com o objetivo de conduzir o leitor à compreensão do tema e o propósito das obras produzidas ao longo de determinados períodos históricos e artísticos. Nesse particular assunto: a partir do Renascimento, no final do século XV até o Neoclássico, no século XIX, períodos da Idade Moderna em que o artista busca inspiração no conhecimento clássico. A metodologia empregada no texto é a investigação histórica, qualitativa e descritiva, apoiada em: Hesíodo, Apolodoro, Ovídio, Hinos de Calímaco, Hinos Homéricos e uma reflexão de *Laocoonte* de G.E. Lessing. Conclui-se que a pesquisa contribui para o progresso contínuo das questões que se referem à mitologia clássica e uma nova atitude em relação à apreciação artística em seus diferentes períodos históricos e culturais.

PALAVRAS-CHAVE: História da Arte; Artes visuais; Literatura; Mitologia; Ártemis

VIRGIN ARTEMIS: PROTECTOR AND RELENTLESS

ABSTRACT: This text presents a mythological Literature, with stories related to the goddess Artemis. The selection of paintings, etchings and sculptures, taken in Museum Collections accompany the texts with the aim to lead the reader to understand the topic and purpose of the works produced in the course of certain historical and artistic periods. In this particular subject: from of the Renaissance, at the end of the 15th century until the Neoclassical, in the 19th century, periods of the modern age in which the artist seeks inspiration in classical knowledge. The methodology employed in the text is qualitative and descriptive, historical research, supported in: Hesiod, Apollodorus, Ovid, Hymns of Callimachus, Homeric Hymns and a reflection of *Laocoön* of G.E. Lessing. It is concluded that the research contributes to the continuous progress of the questions relating to classical mythology and a new attitude towards artistic appreciation in their different historical and cultural periods.

KEYWORDS: History of Art; Visual Arts; Literature; Mythology; Artemis

¹ Estética e História da Arte Mundial e Brasileira. Unimes virtual. Universidade Metropolitana de Santos, São Paulo, Brasil. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1076672453257128>. E-mail: fatimartini@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A Mitologia serve de inspiração para inúmeras representações simbólicas em grandes obras de arte. Os diferentes significados dos mitos greco-romanos, apresentados em todo seu esplendor no período clássico, se associam às Artes visuais a partir do Renascimento, no final do século XV, com a redescoberta da Antiguidade Clássica, até o século XIX, perpassando os estilos: Barroco, Rococó e Neoclássico com semelhantes assuntos. Entre os temas mitológicos, alguns deles, aqui selecionados, relacionam-se à deusa Ártemis, chamada de Diana pelos romanos.

A metodologia empregada no texto é a investigação histórica, qualitativa e descritiva, apoiada em: HESÍODO (*Teogonia*, 2013); APOLODORO (*Biblioteca Mitológica*, 2016), OVÍDIO (*Metamorfoses*, 2017), *HINOS DE CALÍMACO* (In WERNER, Erika, 2012), *HINOS HOMÉRICOS* (2010), G. E. LESSING (*Laocoonte ou sobre as fronteiras da Pintura e da Poesia*, 2011) e nas Artes visuais, especificamente, esculturas, gravuras e pinturas, submetidas à um recorte histórico e artístico, com o tema de deusa da caça, reconhecida também como deusa da lua.

A interligação da Literatura e das Artes visuais, aqui apresentadas com enfoque em Ártemis, tem como objetivo buscar conhecer e entender as representações simbólicas, assim como, o significado do mito e o caráter da deusa no ambiente cultural da Idade Moderna.

Sustenta-se a apresentação com o cotejo de textos da Literatura clássica com uma breve descrição da origem da mitologia, os deuses olímpicos e a identificação de Ártemis, virgem e caçadora por sua própria escolha, protetora e implacável. A narrativa intercala as histórias relacionadas ao mito com a seleção de algumas obras disponíveis junto aos acervos museológicos universais.

A partir da compreensão dos temas relacionados à mitologia no período greco-romano, conclui-se que é possível, enfim, chegar a uma nova atitude quanto à apreciação artística, em que se agregam a percepção, emoção e razão por parte do observador crítico, em diferentes períodos artísticos.

ARTES VISUAIS E LITERATURA

Ao longo do tempo o diálogo temático e os assuntos formais foram compartilhados pela Literatura e pelas Artes visuais, inclusive com tráfego de uma para outra, da mesma forma que agradou ou contrariou uns e outros. Portanto, é importante mencionar que as obras de arte, na qualidade de pinturas, esculturas ou gravuras, aferidas aos textos clássicos, aqui apresentados, além de uma interlocução enriquecedora, merecem igual atributo e distinção.

No decurso dos mesmos períodos artísticos aqui selecionados, principalmente durante o Classicismo francês, no século XVII e o período do Neoclássico despontado no século XVIII, o assunto foi discutido por artistas, filósofos e teóricos da arte, entre eles o filósofo e crítico da arte alemã Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781)

Frente às querelas acerca da valorização e do prestígio da poesia ou das obras de arte, Lessing publica em 1766, a obra *Laocoonte – ou sobre as fronteiras da Pintura e da Poesia*. em que delineia os limites das artes e da poesia. As reflexões do autor enfatizam as condições e funções específicas de cada uma, reprova e alimenta as discussões sobre o assunto, criticando aqueles que argumentam e comparam o poder de cada uma, tomando partido, ora para a poesia, ora para as Artes visuais.

Ora eles forçaram a poesia dentro dos confins estreitos da pintura; ora eles deixaram a pintura preencher toda a larga esfera da poesia. Tudo que está certo para uma, também deve ser permitido para a outra; tudo o que agrada ou desagradava numa delas, deve necessariamente também agradar ou desagradar na outra; e, tomados por essa

ideia, eles proferem no tom mais firme os juízos mais rasos quando eles tomam por erros as divergências recíprocas entre as obras do poeta e do pintor sobre um mesmo objeto, para em seguida culpar uma arte ou a outra, conforme eles tenham maior gosto pela arte poética ou pela pintura. (LESSING, 2011, p. 78)

Aqui, texto se afasta das diferenças e comparações entre os dois gêneros, Literatura e Artes visuais, na busca de, simplesmente, fazer um paralelo entre algumas histórias mitológicas com certas obras, selecionadas por se adaptarem ao tema e ao espaço temporal escolhido.

Sustenta-se que as duas classes artísticas proporcionam prazer aos observadores e amadores, em concordância com Lessing (2011, p. 77) “ambas iludem e a ilusão de ambas gera prazer.”

Apoiado no tema, cabe aos artistas escolher o momento mais significativo e sugestivo, o instante que melhor explique a cena descrita pelo poeta. Aos artistas compete decidir o que revelar, pois toda obra de arte necessita da apreciação para se completar, para gerar prazer. A sabedoria encontra-se distante da imitação ou da ideia original, ela reside na criação da ilusão, no efeito e na recepção da obra.

Eles seguiram o poeta sem se deixar seduzir por ele nos menores detalhes. Eles possuíam um modelo, mas, uma vez que eles tiveram que traduzir esse modelo de uma arte numa outra, eles encontraram muitas ocasiões para pensar por si mesmos. E esses seus pensamentos próprios, que se manifestam nos desvios do seu modelo, comprovam que eles foram tão grandes na sua arte quanto ele na sua. (LESSING, 2011, p. 131)

Assim, no texto a seguir, no cotejo entre Literatura e obras de arte, os protagonistas envolvidos têm o mesmo valor artístico, pois cada um, com a devida erudição, soube aproveitar as idiosincrasias e reconhecer os limites de sua arte.

ORIGEM DOS TEXTOS MITOLÓGICOS

Nos primórdios da Mitologia, os poemas heroicos *Iliada*² e *Odisseia*³, de HOMERO (ca. IX-VIII a.C.) relataram as aventuras dos heróis Aquiles e Odisseu, e *Teogonia* de HESÍODO (ca. VIII-VII a.C.) registrou os nomes dos diversos deuses, com suas paixões e honrarias.

Ao longo dos séculos, do período Arcaico (ca. VIII-V a.C.) ao Clássico (V-IV a.C.) as discussões sobre as questões filosóficas e os problemas comuns como: casamento e sexualidade nas diferentes classes, misturaram-se à mitologia, e a comédia foi incorporada aos festivais dramáticos. Os *HINOS HOMÉRICOS*, por exemplo, constituídos por trinta e três poemas anônimos dedicados às divindades foram declamados pelos rapsodos nos festivais públicos promovidos pelas cidades-estados da Grécia Antiga.

No período Helenístico (IV-I a.C.) com o desenvolvimento da escola filológica, gramáticos de Alexandria publicaram versões das antigas obras literárias e os poetas adaptaram a mitologia como símbolo estético. De maneira preciosa e erudita, CALÍMACO (ca. IV-III a.C.) apresentou, entre outras obras, as histórias dos deuses no gênero poético, formalizado na Grécia Arcaica, conhecido

² História da guerra de Troia e a disputa entre Aquiles e o rei da Grécia, Agamémnon. A *Iliada* se encerra com a morte e o funeral de Heitor, herói troiano.

³ Sequência da *Iliada*, a *Odisseia* relata o regresso de Odisseu, o herói extremamente ardiloso, figura à parte na narrativa da disputa entre gregos e troianos. Casado com Penélope, filha de Ícaro, depois de destruir a cidade de Tróia, conhece diferentes cidades e costumes. No mar, com os companheiros, luta pela vida, passando pelos mais variados tormentos, até chegar a Ítaca, sua terra natal.

como Hino. Os valores humanos e os textos se tornaram mais realistas, com romances e comédia. Personagens populares uniram-se aos deuses, semideuses e mortais, da mitologia. O alexandrino APOLÔNIO DE RODES (ca. III a.C.) inovou o gênero das epopeias com *Os Argonautas* em que o herói Jasão se tornou mais humano e passional.

No apagar das luzes da Antiga Grécia surgiu uma nova classe de escritores empenhados em reunir o tesouro inestimável da cultura grega por meio de compilações. Do século I a.C. ou I d.C.⁴, a *Biblioteca mitológica*, um compêndio de mitologia escrito em prosa sobre a genealogia dos deuses gregos até a história de Odisseu, histórias apoiadas em Homero, Hesíodo, Eurípedes, Apolônio e outros anônimos, foi atribuída à APOLODORO. *Eneida*, do romano Públio VIRGÍLIO Marão (70-19 a.C.), considerada uma das maiores epopeias da Literatura latina, serviu de modelo para todo o ocidente e grandes autores decifraram suas páginas até o século XVII.

Na virada do século I, influenciados pelos poemas épicos e pela genealogia grega, Cayo Julio HIGINO (64 a.C.-17 d.C.) com as *Fábulas*, e Publios OVÍDIO Naso (43 a.C.- 17 d.C.) com *Metamorfoses*, descreveram em versos os temas e as histórias de deuses e heróis romanos. Os poetas fundiram personagens mitológicos gregos com os romanos e aproximaram o mito da história real, em que os personagens ganharam humanidade e se afastaram das solenes divindades.

Os dramas do teatro grego e os mitos da antiguidade foram reinterpretados continuamente, durante toda a Antiguidade romana. Sutilmente, por meio das lendas e canções, alguns elementos mitológicos foram conjugados aos conceitos cristãos por toda a Idade Média (476 a 1453). Mas foi a partir do período artístico denominado de final do Renascimento (século XVI) aos estilos chamados de Neoclássico e Romantismo, que atravessaram o século XIX, que o entusiasmo pela cultura clássica ressurgiu com as transcrições dos textos quase esquecidos e a inclusão de novos autores reescrevendo sobre os deuses e heróis.

A Origem dos Deuses Olímpicos

Em Hesíodo (2013, p. 67) Zeus, Júpiter para os romanos, iniciou a terceira geração de deuses divinos quando destronou Crono⁵ com sua força. Após retirar do estômago do pai todos seus irmãos dividiu o Universo com seus dois irmãos: Poseidon recebeu o mar e Hades foi para o mundo subterrâneo. Com suas esposas, irmãos e filhos, o poderoso deus, de seu palácio no topo do monte Olimpo dos mortais e imortais, passou a reinar sobre o mundo.

Zeus se casou com diferentes deusas⁶. Da união com a irmã gêmea, a ciumenta Hera, nasceram: Ares, Eilêitia e Hebe, a personificação da juventude. Enfurecida com o marido, por causa das amantes e os filhos bastardos, Hera gerou sem a união do amor, Hefesto, que “nas artes supera a todos os Celestes” (HESÍODO, 929, 2013, p. 97).

Zeus se uniu a outras incontáveis mulheres: imortais, semideusas e mortais, que lhes deram inúmeros filhos, alguns heróis, outros transformados em deuses ou semideuses. Com Mnemósina, de formosos

⁴ As evidências são inconclusivas sobre a data e sobre seu nome, chamado pelos pesquisadores de Pseudo Apolodoro. Aqui segue-se o nome Apolodoro, determinado pelo livro *Biblioteca Mitológica* (2016) citado nas Referências.

⁵ Chamado de Saturno pelos romanos, inaugurou a segunda geração ao retirar o poder de Urano e instaurar o poder dos Titãs sobre o mundo. Com a irmã Réia gerou Héstitia, Deméter, Hera, o altivo Hades, Poseidon (consecutivamente: Vesta, Ceres, Juno, Plutão, Netuno para os romanos) e o sábio Zeus.

⁶ A primeira esposa foi a deusa da astúcia e da sabedoria, Métis, filha dos titãs Oceano e Tétis. Sob severos conselhos, Zeus a engoliu antes da filha nascer. Por isso Atena, terrível e incansável guerreira, nasceu de sua cabeça. Com a segunda esposa, Norma, também chamada de Têmis, gerou as Moiras e as Horas. Da terceira esposa, Eurínome, filha do Oceano, nasceram as três Graças, ou Cártes.

cabelos, Zeus gerou as nove Musas⁷. Hermes nasceu da união com Maia, a filha de Atlas, e Hércules nasceu do amor por Alcmena, esposa de Anfitrião. O alegre Dionísio nasceu de Sêmele, filha de Cadmo e Harmonia e com a irmã, Deméter, Zeus gerou Perséfone, raptada por Hades.

Da união com Leto, filha de Ceos e da Titânide Febe, de gerações anteriores, nasceram os imortais: Apolo e Ártemis, segundo Hesíodo (919, 2013, p. 95) “prole desejável mais que todos os Celestes”. A jovem amante, grávida, atormentada e perseguida por Hera, que não perdoava as traições do marido, recebeu asilo junto à ilha de Delos⁸, que surgiu no mar graças à ajuda e ao golpe do tridente de Poseidon. Sob a sombra de uma oliveira, na ilha flutuante, Ártemis nasceu instantes antes do irmão gêmeo, Apolo, reconhecido como o sol da geração olímpica.

ÁRTEMIS: A VIRGEM

Testemunha da solidão e das dores da mãe, a pequena Ártemis desenvolve, dentro de si, grande aversão pela união entre homens e mulheres, desejando nunca ser tocada, nem mesmo desejada. Menina ainda, no encontro com o pai, entre os pedidos encontram-se: a virgindade eterna, a multiplicidade de nomes, um vestido de caçadora, um cortejo de ninfas, montanhas e florestas e, uma cidade.

Na fértil região de Delfos⁹, morada do amado irmão, Musas, Cárites e Ninfas¹⁰ lançam uma melodia e entoam um canto à deusa Ártemis para todos que se interessam por arcos e caçadas, assim como para quem aprecia brincar nas montanhas e florestas.

Começando no momento em que, sentada nos joelhos do pai,
A filha, ainda uma menina, disse isto a seu genitor:
Dá-me, papai, conservar a virgindade eterna,
e múltiplos nomes, de modo que Febo não me seja um rival,
dá-me setas e arcos – deixa, meu pai, não te peço
aljava nem grande arco, para mim, logo os Ciclopes¹¹
forjarão flechas e, para mim, uma bem curvada arma;
mas que eu porte a luz e um quíton de borda colorida,
na altura dos joelhos, para eu matar os animais selvagens.
(HINOS DE CALÍMACO: A Ártemis, 4-12, 2012, p. 237-239)

Deusa intocada, caçadora e arqueira, envia a morte súbita aos animais selvagens, às vezes até para as mulheres, com sua flecha ligeira e doce. Corredora dos bosques, exige castidade de suas companheiras grandes e belas, conduzindo alegria junto à música e às danças. Quando seu irmão desaparece ao cair da noite, Ártemis representa a lua que ilumina com sua luz as profundezas do escuro céu.

Implacável e ressentida, a deusa rainha das montanhas e florestas, humilha e destrói os inimigos, as colheitas e os rebanhos no campo, semeia epidemias e elimina com o mesmo rigor as ninfas que se deixam ser tocadas. No entanto, por outro lado, Ártemis é fiel aos amigos e a quem lhe quer bem. Responsável, por jovens e animais, demonstra um caráter fraterno e protetor ao auxiliá-los na

⁷ Os nomes das nove filhas de Zeus com a titânide Memória, que nasceram para louvar os grandes feitos dos seres divinos, são: Clío, Euterpe, Tália, Melpômene, Terpsícore, Érato, Polímnia, Urânia e Calíope.

⁸ A ilha de Delos está localizada no mar Egeu. Apolo, mais tarde, com a ajuda do pai imortal, fixou Delos no centro do grupo de ilhas conhecido como Cíclades.

⁹ Nas encostas do monte Parnasso, próximo ao Golfo de Corinto, ali ficava o santuário dedicado a Apolo, onde o deus proferia seus oráculos por meio da sacerdotisa e Pitonisa.

¹⁰ Jovens e belas, divindades da natureza, viviam nos campos, bosques, lagos e fontes. Companheiras das deusas, habitavam as grutas.

¹¹ Gigantes imortais com um só olho no centro da testa, ajudavam como ferreiros junto à forja de Hefesto, chamado de Vulcano pelos romanos.

passagem para a vida adulta, tornando-os sociáveis e distantes da selvageria e da impetuosidade próprias da juventude. Senhora dos pântanos e lagos, a deusa se mantém entre a selvageria e a civilização, quando necessária, por isso lhe são atribuídos diferentes templos e representações.

Os nomes imputados a Ártemis são muitos: Diana, aquela que ilumina, reconhecida pelos romanos; Ilítia, deusa do parto; Letóide, filha de Leto; Délia, quando se refere a ilha de Delos; Cíntia, no monte Cinto, na ilha de Delos; Dictina, pelos romanos. Como Trívia, a deusa é associada, a partir do século III a.C. a Selene ou Febe, deusas da lua, e a Hécate, deusa da noite.

Dá-me sessenta Oceanidas¹², coristas,
todas com nove anos, todas ainda garotas sem cintura.
Dá-me como servas vinte ninfas Amnísidas¹³,
que de minhas sandálias de caça e também dos velozes cães,
quando nem a lincas nem a veados eu me lançar, bem cuidem.
(HINOS DE CALÍMACO: A Ártemis, 13-17, 2012, p. 239)

Na Grécia Antiga, os escultores a mostram como orgulhosa caçadora. Cães e gazelas a acompanham.



Figura 1: *Ártemis, deusa da caça, conhecida como Diana de Versailles*. Século II d.C. cópia do original grego do século IV a.C. Mármore, 2 metros. Acervo: *Musée du Louvre*, Paris, França. Asa Sully, Sala 348. Disponível em http://cartelfr.louvre.fr/cartelfr/visite?srv=car_not_frame&idNotice=911&langue=fr Acesso em 26 ago. 2018.

A escultura, *Ártemis, deusa da caça*, presente do Papa Paulo IV¹⁴ para o rei francês Henrique II¹⁵, foi baseada, provavelmente, em um bronze grego do século IV a.C. atribuído ao escultor Leocares. No período helenístico, os escultores desenvolveram novas técnicas derivadas da escultura clássica, como o aperfeiçoamento da anatomia, movimento, expressão e temas com abordagens específicas. A

¹² Filhas dos titãs Oceano e Tétis.

¹³ Filhas do rio Amniso ou Partenio, na Arcádia.

¹⁴ Giovanni Pietro Carafa (1476-1559) foi ordenado papa em 1555, como Paulo IV.

¹⁵ Rei da França de 1547 a 1559, Henrique II (1519-1559) era filho de Francisco I, um grande mecenas, responsável pela difusão da Arte renascentista na França.

estátua de dois metros, que estava na Grande Galeria do Palácio de Versailles no tempo de Luís XIV¹⁶, foi levada para o Museu do Louvre no século XVIII. Uma das primeiras estátuas antigas que chegaram a França, copiada inúmeras vezes em gravuras e esculturas, representa o mito em toda formosura, altivez e valentia.

Os poetas e os mais diferentes artistas modernos, a partir do final do Renascimento, no século XVI, apoiados em textos da Antiguidade greco-romana, representam em pinturas, esculturas e gravuras, a jovem Ártemis alta e bela, com os cabelos presos ornados com uma tiara em forma de crescente, cercada por ninfas, correndo pelos bosques, às vezes munida de arco e flecha, descansando das caçadas ou banhando-se.

Canta, musa, a Ártemis, irmã do que fere de longe,
a virgem arqueira que foi nutrida junto com Apolo.
Ela dá de beber a seus cavalos em Meles¹⁷,

Junto ao junco espesso, e depois lança seu carro de ouro velozmente
Através de Esmirna até chegar a Claro, rica em vinhas, onde Apolo, o
Arqueiro do arco de prata
senta-se esperando a Arqueira lançadora de flechas.
Deste modo, eu te saúdo, neste canto, juntamente com todas as deusas.
(HINOS HOMÉRICOS 9, 1-7, 2010, p. 202)



Figura 2: MARCANTONIO Raimondi (ca.1480-1534) (escola de) *Diana em seu carro*, gravado em 1541. Gravura, 30,48x39,37. Acervo: *Los Angeles County Museum of Art*, Califórnia, EUA, Mary Stansbury Ruiz Bequest (M.88.91.198) Photo © *Museum Associates/ LACMA*. Disponível em <https://collections.lacma.org/node/170993> Acesso em 21 ago. 2018.

¹⁶ Rei da França, chamado de Rei-sol, Luís XIV (1638-1715) transformou a França, no seu reinado (1643-1715), na nação mais poderosa da Europa nos fins do século XVII.

¹⁷ O rio Meles encontra-se próximo à Ismirna, na Ásia Menor.

R. Inter. Interdisc. Art&Sensorium, Curitiba, v.5, n.2, p. 073 – 092 Jul.-Dez. 2018.

Dá-me todas as montanhas; uma cidade, atribui-ma,
A que desejares, pois raramente Ártemis desce até uma urbe;
Eu habitarei as montanhas e aproximar-me-ei das cidades dos homens
Somente quando as mulheres, atormentadas pelas agudas dores,
Invocarem-me como auxiliar [...]
(HINOS DE CALÍMACO: A Ártemis, 18-22, 2012, p. 239)

Na gravura, *Diana em seu carro*, a deusa comanda o carro de ouro puxado por dois cães, frente a lua brilhante. Abaixo das nuvens encontra-se a silhueta de uma grande cidade moderna, uma entre as trinta que Zeus lhe outorgou, nas ilhas do mediterrâneo, junto a bosques sagrados e altares lhe dedicados. A obra de 1541, foi produzida anos depois da morte do artista MARCANTONIO Raimondi (ca.1480-1534), conhecido como um dos primeiros artistas italianos renascentistas a trabalhar em gravuras com temas mitológicos e religiosos.

A partir do século XV, inspirado no humanismo¹⁸, o artista do Renascimento vê o homem e a natureza como expressão grandiosa de Deus. Baseados no passado medieval, os humanistas percorreram caminhos inovadores e fecundos, formando vários círculos de intelectuais em Roma, Florença e em Veneza. Temas clássicos mitológicos foram, então, interpretados à luz da revelação de Deus, com uma interpretação cristã, e à filosofia platônica foi atribuída grande religiosidade.

O intervalo de tempo que vai do final do século XV e início do século XVI é considerado o mais alto período renascentista. Sob a proteção de patronos, os artistas se expressam livremente. De Florença, a renascença se desloca e se estende para Veneza e, principalmente, para a cidade de Roma, que se torna o centro cultural do ocidente.

ÁRTEMIS: PROTETORA

Cantam as musas à Ártemis, amiga fiel e protetora, àquela que é difícil esquecer, a arqueira que depois de elevar seu espírito e alegrar-se, afrouxa seu arco flexível e vai para a grande morada do irmão amado. ((HINOS HOMÉRICOS 27, 11-13, 2010, p. 200)

Aos que, porém, sorridente e também graciosa lançastes tua luz,
favorável, o campo deles produz a espiga de milho, favorável, a raça dos quadrúpedes e, favorável, a casa prospera, nem de algum túmulo aproximam-se,
exceto quando levam o que foi longo;
nem sua estirpe é ferida pela discórdia que, inclusive,
assola as casas bem assentadas; as esposas dos irmãos e
as irmãs do marido dispõem assentos em torno das oblações unas.
(HINOS DE CALÍMACO: A Ártemis, 129-135, 2012, p. 245-247)

Hipólito

Com um temperamento altivo, Ártemis fez poucos amigos, mas ao longo do tempo se afeiçãoou por um jovem que vivia correndo e caçando pelos mesmos bosques, o mortal e casto, Hipólito. Este, por sua vez, adorava saber que Ártemis, a mais amada entre todas as deusas, lhe tinha estima. Esse amor causou grave ciúme em Afrodite¹⁹, porque todos a honravam, menos o jovem Hipólito. Filho do rei de Atenas, Teseu²⁰, e de Hipólita, rainha das amazonas, Hipólito foi criado pela madrastra, Fedra²¹,

¹⁸ No humanismo o homem domina as forças da natureza. Movimento estético, filosófico e religioso, que, preparado pelas correntes do pensamento medieval, surgiu na Itália no século XV e difundiu-se pela Europa no século XVI.

¹⁹ Vênus para os romanos. A deusa do amor usava Eros, seu filho, como ajudante na arte da sedução.

²⁰ Reconhecido como filho de Etra e de Egeu, rei de Atenas. Segundo as versões de Higino e Apolodoro, Teseu poderia ser filho de Poseidon pois ambos deitaram com a princesa na mesma noite, na cidade de Trecén, do rei Piteo.

²¹ Filha de Pasifae e de Minos, rei de Creta.

segunda esposa de Teseu. Esta sem saber, recebeu uma flechada envenenada de amor e paixão do astucioso Eros, filho de Afrodite, que assim vingou-se do menosprezo.

Fedra, se enamorou do filho da amazona, Hipólito, e lhe pediu que lhe correspondesse, porém ele, que odiava a todo gênero feminino, declinou da relação. Fedra por temor que a acusassem perante o pai, forçou as portas de seu dormitório e rasgou suas roupas para levantar falso testemunho de violência contra Hipólito. (APOLODORO, Epítomes 1, 18-19, 2016, p. 222, tradução nossa)

Acreditando na esposa, Teseu, desesperado pela dor de ser traído, pediu a Poseidon que desse uma forma de destruir seu próprio filho.

Hipólito de alma virginal, expulso da casa e da pátria, conduziu seu carro a toda velocidade pelo caminho de Argos e Epidauro. Às margens do sarônico mar, emergiu das ondas, um touro enorme, armado de cornos, enviado por Poseidon. Com o alto som levantado pelos mugidos horríveis da fera, os cavalos assustados, desembestaram em direção ao mar tremendo de medo, tombando o carro ao bater nas rochas. Hipólito, preso nas rédeas foi arrastado pelo caminho repleto de pedras cortantes, dilacerando seu corpo.

No bosque sagrado de Nemi, Vírbio, divindade ligada ao culto de Ártemis, narrou o que veio depois da tragédia com o casto Hipólito. Este, tão logo perdeu os sentidos chegou ao sombrio reino subterrâneo e ali mesmo foi salvo por Asclépio²² e suas ervas curativas. Em seguida, envolvido por Ártemis, foi levado em densas nuvens, sob o olhar indignado de Hades. No bosque todos ouviram o final da história de como Vírbio recebeu a proteção de Ártemis:

“sem perigo, aumentou-me a idade e deu-me um rosto que me tornava irreconhecível. E, por muito tempo hesitou se havia de me indicar para minha morada Creta ou Delos. Tendo deixado Delos e Creta, trouxe-me aqui, enquanto me ordenava que renunciasse a meu nome, porque podia trazer-me a lembrança de meus cavalos, dizendo-me: ‘Tu, que foste Hipólito, sê Vírbio daqui em diante.’ Desde então habito neste bosque e, sendo uma das divindades menores, estou sob a proteção da minha senhora, a quem sirvo.” (OVÍDIO, XV, 538-546, 2017, p. 823)

²² Esculápio para os romanos. Filho de Apolo e Corônís, deus da medicina e da saúde. Aprendeu a arte da cura com o centauro Quíron, filho de Crono. Zeus o fulminou com um raio para que parasse de alterar a ordem do mundo. R. Inter. Interdisc. Art&Sensorium, Curitiba, v.5, n.2, p. 073 – 092 Jul.-Dez. 2018.



Figura 3: Peter Paul RUBENS (1577-1640) *Morte de Hipólito*, ca. 1611/13. Óleo sobre cobre, 50,2x70,8. Acervo: © The Fitzwilliam Museum, Cambridge.UK. PD.8-1979. Disponível em <http://data.fitzmuseum.cam.ac.uk/id/object/1865> Acesso em 06 set. 2018.

O quadro, *A morte de Hipólito*, revela a técnica do grande artista do Barroco flamengo Peter Paul RUBENS²³: formas abertas e fechadas; muita luz e grandes sombras opacas; destruição dos limites e contornos; utilização de grandes figuras no primeiro plano, repletas de curvas e movimento, com uma redução ousada nos motivos do fundo. À esquerda ao fundo, entre as altas ondas do mar escuro de Poseidon, a fera avança sobre os cavalos, que assustados se encaminham cada um para um lado, se enroscando uns aos outros, apavorados. Hipólito está ao chão com as pernas emaranhadas nas rédeas do carro que apresenta as rodas já partidas. Os servos que o acompanham correm em disparada longe do amo, que breve será arrastado sobre o rústico chão de terra e pedras.

O Barroco nasceu na Itália, assim como o Renascimento, difundindo-se primeiro no sul da Europa e na Holanda, para depois tornar-se um estilo universal. Inicialmente sóbrio, dentro do espírito da Contrarreforma²⁴, o Barroco entregou-se na segunda metade do século XVII a uma grande liberdade de imaginação e emoção, renovando o classicismo com novas formas e extravagância, distanciando-se do gosto equilibrado, gracioso e harmonioso do século anterior, já saturado e esgotado. Os artistas que chegaram a Roma, centro artístico no período, produziram obras com conteúdo religioso e reinterpretaram os antigos assuntos mitológicos, ampliando os temas.

²³ O estilo Barroco combinou com o espírito do artista flamengo, Peter Paul RUBENS (1577-1640), que sabia como ninguém distribuir as figuras em grande escala, impregnadas de força e paixão, aliadas aos volumes, luzes, cores e dinamismo.

²⁴ Conhecida também como Reforma Católica, a Contrarreforma surgiu em torno de 1545 como resposta às teorias da Reforma protestante iniciada por Martinho Lutero (1483-1546) no início do século XVI, na Alemanha.

R. Inter. Interdisc. Art&Sensorium, Curitiba, v.5, n.2, p. 073 – 092 Jul.-Dez. 2018.

A admiração pela cultura clássica marcou toda a obra de Rubens. Uma combinação de dotes incomparáveis na organização de grandes composições coloridas e na energia eufórica das figuras, dá a Rubens fama e êxito como a nenhum outro pintor. Na obra do artista nórdico as alegorias e as histórias mitológicas se destacam vivas e atuais, nas telas gigantescas.

Ifigênia

Durante a investida dos gregos contra os troianos na Guerra de Troia, contada na *Iliada* de Homero, os aliados e as tropas do rei da Grécia, Agamémnon²⁵, ficam retidas na região da Beócia, junto às águas Aônias. Segundo Ovídio (XII, 25-26, 2017, p. 629) “há quem pense que Netuno, por lhe haver construído as muralhas, quer poupar Troia”. Para o adivinho Calcas, filho de Testor a causa é outra: Ártemis está irada e somente com um grande sacrifício será possível reverter as ondas do mar, para que as naus possam prosseguir viagem até a cidade de Troia. O sacrifício exigido é o sangue de uma virgem, a mais bela, a filha de Agamémnon e Clitemestra: Ifigênia; uma vez que o rei tinha acertado uma flecha mortal em um dos cervos da deusa, um pouco antes, durante uma caçada.

O amor paterno grita e esbraveja, mas é vencido pela causa: derrotar Príamo e toda Troia, e mais: justificar porque comanda o maior exército de todos os tempos. Com o coração partido, o rei envia dois de seus homens até a esposa com a missão de trazer Ifigênia, alegando que havia prometido entregá-la como esposa ao grande Aquiles²⁶, como pagamento pela sua participação na campanha. A garota, encantada, com o coração palpitando, chega rapidamente ao acampamento, pois Aquiles é um dos mais belos e fortes homens que conhece.

Ifigênia para em frente ao altar, enquanto os sacerdotes choram.
A deusa comove-se, com uma nuvem, impede a visão
E, no meio da cerimônia, da multidão e das vozes suplicantes,
Diz-se que substituíra a filha de Micenas por uma corça.
(OVÍDIO, XII, 31-34, 2017, p. 631)

Aplacada a ira, a protetora Ártemis leva a jovem sobre as nuvens, instituindo-a sacerdotisa do seu culto em Táuride, longe da sua terra e da família, “e segundo contam alguns, a fez imortal” (APOLODORO, Epít. 3, 22, 2016, p. 235)

²⁵ Rei de Micenas, Agamémnon, da casa Atreu, é um dos maiores heróis dos aliados gregos e irmão de Menelau, marido de Helena, uma das causas da guerra de Troia.

²⁶ Um dos personagens centrais da guerra de Troia, filho da nereida Tétis e Peleu, rei da Ftia, na Tessália.
R. Inter. Interdisc. Art&Sensorium, Curitiba, v.5, n.2, p. 073 – 092 Jul.-Dez. 2018.



Figura 4: Bertholet FLEMALLE (1614-1675) *O Sacrifício de Ifigênia*, 1646-47. Óleo sobre tela, 160x163. Acervo: Musée du Louvre, Paris, França. Coleção de Louis XVI. Departamento de Pintura. Disponível em <http://cartelfr.louvre.fr/cartelfr/visite?srv=car_not_frame&idNotice=4708. Acesso em 26 ago. 2018.

A obra *O Sacrifício de Ifigênia* é de autoria do pintor flamengo, Bertholet FLÉMALLE, também conhecido por Flemal ou Flemael, um dos mais importantes representantes da Escola de Liège²⁷ no século XVII.

No período em que a arte flamenga se encontra em ascensão e Rubens é imitado, os artistas de Liège são atraídos pela arte francesa, que representa naturezas-mortas, caçadas, paisagens líricas, com temas que remetem ao passado clássico, um estilo reconhecido como Barroco francês, também chamado de Antiguidade clássica²⁸, com grande produção de temas mitológicos, unindo a pintura e a Literatura.

Flémalle representa, à esquerda do quadro, o adivinho Calcas, dobrado em oração e súplicas sobre o altar dedicado à Ártemis. No chão, as pequenas e delicadas sandálias de Ifigênia contrastam com a espada pesada e dourada de Agamémnon. No lado direito, ao fundo, as naus esperam ventos melhores, enquanto os aliados dos gregos, de joelhos, junto as tendas, observam a cena em total desespero.

²⁷ Província da Bélgica

²⁸ Nesse estilo, mais comedido, muitas vezes chamado de classicismo barroco, destacam-se entre os artistas do período: Nicolas POUSSIN (1594-1665); Claude LORRAIN (ca. 1600/5-1682) e Georges de LA TOUR (1593-1652).

R. Inter. Interdisc. Art&Sensorium, Curitiba, v.5, n.2, p. 073 – 092 Jul.-Dez. 2018.

O pai em armadura dourada, com a cabeça baixa, evita encarar o momento em que entrega sua filha em sacrifício. À esquerda, escondido atrás de outro homem, que esconde o rosto envergonhado, um soldado levanta a lança para cortar a menina. No alto, entre as altas nuvens, a lua crescente ampara a comovida Ártemis. A deusa de coração valente, protetora dos jovens e das castas meninas, traz consigo uma corça, que será sacrificada no lugar de Ifigênia.

Endimião

Filho de Cálice e Aetlio²⁹, o formoso Endimião, que alguns dizem ser filho de Zeus, ajudou seu pai no deslocamento dos eólios da Tessália para a cidade de Élis, na Grécia.

Fascinada pela beleza extraordinária do príncipe de Élis, Ártemis se aproximou enquanto ele dormia e com o coração palpitante, quase sufocando, tocou amorosamente seus lábios, enamorando-se por ele. No entanto, Zeus que tudo via, ficou indignado e preocupado, pois prometera manter a virgindade eterna da filha. Aproximando-se do jovem “outorgou-lhe que escolhesse o que quisesse. Ele escolheu dormir eternamente, permanecendo imortal e sem envelhecer.” (APOLODORO, I, 5-6, 2016, p. 63)

Assim, mal a noite caía, com a lua iluminando as primeiras sombras, Ártemis descia dos céus para contemplar e se deliciar com o amado, beijando-o muitas vezes, certa de poder manter-se casta, enquanto ele dormia. Com o dia chegando, muitas vezes ali permanecia a proteger seu rebanho, defendendo-os dos animais selvagens que perambulavam pelo monte Latmos³⁰.



Figura 5: Jean-Honoré FRAGONARD (1732-1806) *Diana e Endimião*, ca. 1753/56. Óleo sobre tela, 94.9 x 136.8. Acervo: *National Gallery of Art, Washington, DC, EUA. Timken Collection, 1960.6.2. Gallery 55.* Disponível em <<https://www.nga.gov/collection/art-object-page.46026.html>> Acesso em 25 ago. 2018.

²⁹ Depois de ajudar os eólios da Tessália a se deslocarem em direção à Grécia, Aetlio, filho de Zeus e Protogênia, tornou-se o primeiro governante da cidade de Élis ou Élide, fundada por ele com a ajuda do filho Endimião. Anos mais tarde Élide foi saqueada por Hércules, Hércules para os romanos.

³⁰ Na região próxima à antiga Cária, onde chegaram os jônios, dórios e eólios durante a colonização da Grécia antiga. R. Inter. Interdisc. Art&Sensorium, Curitiba, v.5, n.2, p. 073 – 092 Jul.-Dez. 2018.

A obra prima do Rococó, *Diana e Endimião*, mostra o jovem pastor apoiado nas rochas e seminu, dormindo, ao lado do cão e de suas ovelhas, sobre um chão batido e cercado de arbustos. A deusa desce dos céus na frente de uma iluminada e enorme lua crescente. Impressionada com a beleza de Endimião ela estende a mão prestes a tocar o belo corpo. Eros, representado pelo cupido em rosa, envolto em nuvens, estende a varinha do desejo.

O artista francês Jean-Honoré FRAGONARD (1732-1806) é um dos grandes nomes representantes do estilo Rococó, no apogeu em meados do século XVIII, principalmente na França, além de François BOUCHER (1703-1770), Jean-Baptiste Siméon CHARDIN (1699-1779) e um dos primeiros a se destacar no novo estilo: Jean Antoine WATTEAU (1684-1721).

A pintura dos pequenos quadros foi adaptada para um estilo mais feminino, delicado e íntimo, com tonalidades claras e luminosas, em que desapareceram os contrastes de claro-escuro e sombra e luz, satisfazendo o gosto sensual da clientela tanto feminina como masculina, da corte de Luís XV³¹ e da Marquesa de Pompadour³² favorita do rei, uma das maiores incentivadoras do novo estilo artístico.

ÁRTEMIS: A IMPLACÁVEL

Canto a ruidosa Ártemis de flechas de ouro,
a virgem veneranda, a Arqueira, que abate os cervos com suas flechas,
A própria irmã de Apolo de espada de ouro,
aquela que pelas montanhas umbrosas, de cumes batidos pelos ventos,
curva seu arco todo de ouro, alegrando-se com a caça, lança suas
flechas que fazem gemer.

Os cumes das altas montanhas tremem,
e a floresta cheia de sombra ressoa
com o grito agudo e terrível dos animais selvagens; a terra treme,
assim como o mar abundante em peixes. A deusa de coração valente
se lança a todos os lugares e causa a ruína entre a raça dos animais
selvagens,

(HINOS HOMÉRICOS, 27: A Ártemis, 1-10, 2010, p. 200)

Calisto

Filha de Licaón, rei da Arcádia, segundo Apolodoro (III, 8, 2, p. 180), Calisto é uma das ninfas, companheira de caça de Ártemis, porta a mesma roupa que ela, e como amiga, sua única promessa é permanecer virgem como a deusa.

Um dia, quando o sol quase já se posiciona no horizonte, passeando sozinha, Calisto entra no bosque próximo à casa do pai, na Arcádia, terra muito amada por Zeus. No interior da mata, na penumbra das árvores frondosas, a bela ninfa, retira a aljava e o arco flexível de suas costas e deita-se sobre a relva que cobre o chão, pousando a cabeça sobre a próprio estojo de setas. Zeus que passa ali no momento, enamora-se imediatamente da donzela. Para não assustar a virgem, artiloso, assume a feição e a maneira de se vestir de Ártemis, segundo alguns, e de Apolo segundo outros. (APOLODORO, III, 8, 2, p. 180)

³¹ Rei da França no período de 1715 a 1774, neto de Luís XIV, Luís XV (1710-1774) assumiu o governo em 1723, quando atingiu a maioridade, das mãos do tio avô, Filipe II, duque de Orléans. Durante seu reinado manteve, entre as amantes, a Marquesa de Pompadour, uma mulher inteligentíssima e moderna.

³² Jeanne Antoinette Poison (1721-1764) Com encanto e inteligência, Madame de Pompadour, como era conhecida, ganhou imenso poder na corte francesa, representada com graça e beleza pelos artistas franceses.

R. Inter. Interdisc. Art&Sensorium, Curitiba, v.5, n.2, p. 073 – 092 Jul.-Dez. 2018.

Alegre com a chegada da amiga, que a abraça e a beija, Calisto se prepara para contar sobre suas caçadas. Mas, logo se surpreende com os beijos nada castos que se sucedem.

Ela debate-se. Mas que donzela poderia vencer um homem,
ou quem poderia vencer a Júpiter? Vitorioso, Júpiter
eleva-se ao céu. Ela odeia a sombra e a floresta cúmplice.
Ao partir daí, quase se esquecia de levar a aljava
e as setas e o arco que tinha pendurado.
(OVÍDIO, II, 436-440, 2017, p. 131)

Envergonhada, ao se unir ao grupo de ninfas, Calisto mal suspende o olhar. Percebe, no entanto, com o passar dos dias que de nada desconfiam, inclusive Ártemis vive lhe chamando para aproximar-se e banhar-se ao seu lado. Os meses correm, e um dia de verão, acompanhada das ninfas, a deusa encontra no interior do bosque uma fonte de água cristalina, perfeita para se refrescar. Todas correm a retirar as roupas e os apetrechos de caça.

Apenas uma busca razões de demora. Enquanto hesita, é-lhe
retirada a túnica e, uma vez retirada, deixa nu o corpo e o crime.
Ao querer, aturdida, tapar com as mãos o ventre, diz-lhe Cíntia,
a deusa: “Sai daqui, não manches a sagrada fonte.”
E ordenou-lhe que se afastasse do seu séquito.
(OVÍDIO, II, 461-465, 2017, p. 133)

Mais ao fundo da grande e escura mata, Calisto se refugia da implacável Ártemis e se esconde da fúria da esposa de Zeus, que espera por sua vingança. Basta o filho do adultério, Árcade³³, nascer e chorar, e sem mais demora, Hera transforma Calisto em uma negra urso. Imensas patas com garras envolvem seu belo e delicado corpo. No lugar da boca beijada por Zeus encontra-se um longo focinho. A voz melodiosa da ninfa agora apresenta um som rouco e apavorante. Contra ela são disparadas ligeiras flechas. Há quem diga que Ártemis disparou suas flechas contra o animal, por não haver guardado sua virgindade. (APOLODORO, III, 8, 2, p. 180)

³³ Em Apolodoro, após a morte de Calisto, Árcade é salvo por Zeus, confiando-o a Maia. Em Ovídio, Zeus salva os dois de um conflito fazendo deles constelações vizinhas, Ursa Maior e seu guardião Arcturo.

R. Inter. Interdisc. Art&Sensorium, Curitiba, v.5, n.2, p. 073 – 092 Jul.-Dez. 2018.



Figura 6: François LE MOYNE (1688-1737) *Diana e Calisto*, 1725/28. Óleo sobre tela, 76 × 95. Acervo: Los Angeles County Museum of Art, Gift of The Ahmanson Foundation (M.2000.72). Photo © Museum Associates/ LACMA. Disponível em <https://collections.lacma.org/node/198957> Acesso em 30 ago. 2018.

A pintura no estilo Rococó, *Diana e Calisto*, apresenta-se dividida em dois grupos: à direita se encontra Ártemis, em posição mais alta, cercada por outras três ninfas, duas delas com os pés na água. À esquerda Calisto ajoelhada, esconde seu rosto, quando uma das ninfas, saindo da água, lhe puxa a túnica. Ao fundo, entre as árvores, duas pequenas figuras, que podem ser duas outras ninfas, ou representam o momento, anterior, do encontro entre Zeus e Calisto.

O francês, François LE MOYNE (1688-1737) foi incluído como membro da *Académie Royale de Peinture et de Sculpture*³⁴ no início do século XVIII. Durante o período em que visitou a Itália em contato com a obra de Rubens, Le Moyne se dedicou às cenas de gênero e à decoração dos ambientes internos. Na França, em 1736 foi nomeado pintor oficial de Luís XV, quando efetuou diversos trabalhos em Versailles. Mas foram as obras com cenas idílicas e figuras clássicas de Watteau, o grande artista do estilo Rococó que influenciaram as suas últimas pinturas, junto à Academia. François Boucher, reconhecido no mesmo movimento estético, foi um de seus alunos.

³⁴ Academia Real de Pintura e Escultura de Paris, na França, fundada em 1648 por Luís XIV. Fazia parte do currículo a instrução prática e teórica, baseado num sistema de regras, apoiados nas ideias de Poussin e no racionalismo. As normas eram extremamente rígidas e os temas, por ordem de valor, em tabela própria, partiam da história greco-romana e terminavam na natureza morta.

Actéon

Actéon³⁵ foi criado junto ao centauro Quíron³⁶, que o ensinou a caçar desde pequenino, induzindo-o a se divertir caçando cervos ao lado de seus cachorros, nas montanhas e bosques. Certo dia, enquanto descansava das atividades, o jovem se afastou do grupo de amigos que o acompanhava e embrenhou-se em um bosque desconhecido. Próximo dali, em um vale de ciprestes e pinheiros, ao lado de uma gruta, uma fonte de nome Partenio jorrava água que se espalhava numa bacia cristalina.

Ali, no espaço consagrado, cansada da caça, banhava-se a deusa Diana e algumas ninfas, suas companheiras. Enquanto a bela divindade se banhava, após se separar das armas, foi surpreendida pela chegada do jovem Actéon, que vagava sem destino junto aos seus cães. As ninfas percebendo a chegada do intruso correram para junto da deusa tentando escondê-la.

Mas a deusa é mais alta do que elas
e sobrepassa-as a todas do pescoço para cima.
A cor que costumam ter as nuvens atingidas por um golpe de sol
frontal, ou a cor da Aurora revestida de púrpura,
era a cor do rosto de Diana ao ser vista sem roupa.
(OVÍDIO, III, 181-185, 2017, p. 175)

Protegida por um grupo de ninfas, a deusa olha para trás em busca de seu arco e setas douradas, distantes, porém do seu alcance. Irada, a implacável deusa respinga algumas gotas de água, no rosto do jovem intruso, que imediatamente tem seu pescoço alongado e lhe crescem chifres na cabeça. Enquanto suas orelhas se afinam, suas mãos se transformam em patas e seu corpo recebe uma pele escura e manchada. A razão, porém, não lhe deixa, e põe-se a pensar se volta para casa envergonhado, ou se esconde na mata como lhe indica o medo.

Enquanto hesita, é visto pelos seus cães. Melampo
e o sagaz Icnóbata foram os primeiros a dar o sinal, ladrando.
Icnóbata, originário de Cnosso, Melampo, de raça espartana.
Mais rápidos que a rápida brisa, seguem-se os outros:
Pânfago, Dorceu e Oríbaso, todos da Arcádia;
(OVÍDIO, III, 206-210, 2017, p. 177)

Correm-lhe no encalço, todos os outros, com diferentes nomes. De pelos brancos e negros, de enxutos flancos, guardadores de rebanhos, ferozes e possantes, vigorosos e imbatíveis na corrida. O cervo corre por diferentes caminhos e escarpas. Em lugares que antes perseguia, agora é perseguido ferozmente pela matilha. O som que sai de sua garganta não é reconhecido pelos próprios cães que o alcançam finalmente. O primeiro lhe morde o tenro lombo e outros o derrubam na relva macia.

Rodeiam-no por todos os lados e, mergulhando-lhe o focinho
na carne, dilaceram seu dorso sob a enganadora figura
de um veado. Consta que a ira de Diana, a deusa da aljava,
só foi saciada pelo finar daquela vida por mil feridas.
(OVÍDIO, III, 249-252, 2017, p. 181)

³⁵ Actáion, ou Acteão era filho de Aristeu e de Autônoe. Seu pai, o pastor Aristeu, era filho de Apolo com Cirene, filha de Hipseu, rei dos Lápidas. Sua mãe, Autônoe, era filha de Cadmo, rei e fundador de Tebas, e de Harmonia, filha de Ares e Afrodite.

³⁶ Filho de Crono, Quíron era inteligente e civilizado. Com o amigo Apolo obteve diferentes ensinamentos e foi responsável pela formação de príncipes e heróis. Ensinou Aquiles e o amigo Pátroclo a cavalgar, ao jovem Esculápio a arte da cura e a caça à Actéon.



Figura 7: Paolo PERSICO (1729-1796) e Ângelo M. BRUNELLI (1740-1806) Detalhe: *Fonte de Diana e Actéon*. Final do século XVIII. Esculturas em Mármore. Acervo: *Parco della Reggia di Caserta*, Campania, Itália. Disponível em <<http://www.reggiadicaseratunofficial.it/en/garden/>> Acesso em 29 ago. 2018.

A *Fonte de Diana e Actéon*, executada por artistas italianos no estilo Neoclássico do fim do século XVIII, é formada por dois conjuntos de esculturas em mármore branco, localizados junto à uma lagoa formada pelas águas, que descem de uma grande cascata. Localizado na região da Campania, na Itália, o parque, com diferentes fontes e lagoas, faz parte do complexo do Palácio de Caserta, construído por ordem de Carlos de Bourbon³⁷. À direita, as esculturas representam a deusa cercada por oito ninfas, que se agitam com a descoberta do intruso. Duas delas correm para cobrir a deusa. À esquerda, o conjunto de esculturas mostra Actéon com parte do seu corpo transformado em cervo, cercado e atacado por dez dos seus cães.

Com o ressurgimento da arte Clássica, a partir de meados e final do século XVIII, disseminam-se as histórias mitológicas. Durante o período histórico e artístico com a grande quantidade de modelos em mármore, a maioria de cópias romanas, espalhados por museus e palacetes, os escultores neoclássicos são chamados a reproduzir árdua e abundantemente em pedra, suprindo o novo gosto artístico da realeza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O texto apresentado definiu passagens da Literatura mitológica, especificamente as histórias sobre Ártemis, a deusa virgem, chamada por Diana pelos romanos, associadas a algumas obras de arte. Dessa forma procurou-se combinar as histórias selecionadas com certas pinturas, gravuras e esculturas, no âmbito das Artes visuais, com o mesmo tema, tendo em vista um recorte no tempo histórico e artístico, ou seja, de meados da Arte renascentista no final do século XV, transitando

³⁷ Rei de Nápoles, como Carlos VII e da Sicília como Carlos V até 1759. Rei da Espanha como Carlos III (1716-1788) de 1759 até sua morte.

consecutivamente pelo: Barroco, Rococó e Neoclássico, no século XIX, estilos artísticos que perpassam pelo naturalismo e fidelidade na representação da figura e da natureza.

Sustentado nos *Hinos homéricos*, *Hinos de Calímaco*, *Hesíodo*, *Apolodoro* e *Ovídio*, ao longo do texto abarcou-se a identificação e interpretação das obras selecionadas, com o objetivo de se compreender o propósito artístico das obras produzidas, nos diferentes estilos, vinculadas às histórias sobre os deuses, heróis e personagens clássicos, induzindo o observador à uma nova e diversa atitude cultural na apreciação das obras de arte, reconhecendo-a emocional e racionalmente, na interligação com a Literatura.

Conclui-se, apoiado em Lessing, que tanto Literatura como as Artes visuais, ao aplicar e manter suas qualidades e limites conquistam igual destaque e valor.

O poeta escolhe as melhores palavras e detalhes que possam se tornar compreensíveis e de interesse ao leitor, o artista e a obra de arte gozam a vantagem quando o observador reconhece no primeiro olhar: o propósito e o sentido da composição. Os olhos veem os personagens falar e ouve o que eles estão falando. Ambos, os gêneros artísticos fornecem prazer por meio da ilusão.

REFERÊNCIAS

APOLODORO. *Biblioteca Mitológica*. Tradução Julia García Moreno. Madrid: Alianza Editorial, 2016. 340p.

APOLONIO DE RODAS. *Las Argonáuticas*. Tradução de Máximo Briosó. Madrid: Cátedra, 2018. 237p.

_____. *El viaje de los Argonautas*. Tradução e introdução de Carlos García Gual. Madrid: Alianza, 2016, 280p.

BULFINCH, T. *O Livro de Ouro da Mitologia: (a idade da fábula): História de deuses e heróis*. Tradução David Jardim Junior. 26ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. 419p.

CASSIRER, E. *Linguagem e Mito*. Tradução J. Guinsburg, 4ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2013. 128p.

COMMELIN, P. M. *Mitologia grega e romana*. Tradução Eduardo Brandão. 4ª edição. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2011. 440p.

GALERIA NACIONAL DE ARTE. *National Gallery of Art*, Washington, DC. EUA. Disponível em <<https://www.nga.gov/collection/art-object-page.46026.html>> Acesso em 25 ago. 2018.

GOMBRICH, E. H. *A História da Arte*. 16ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 1999. 505p.

HESÍODO. *Teogonia*. Organização e tradução Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013. 103p.

_____. *Teogonia e Trabalhos e Dias*. Tradução e introdução Sueli Maria de Regino. São Paulo: Martin Claret, 2014. 153p.

HIGINO, C. J. *Fábulas e Astronomia*. Tradução e edição de Guadalupe Morcillo Exposito. Madrid: Ediciones Akal, 2008. 359p.

HINOS DE CALÍMACO. In WERNER, Erika. *Os hinos de Calímaco: Poesia e Poética*. São Paulo: Humanitas, 2012. 464p. p. 223-268.

HINOS HOMÉRICOS. Tradução, notas e estudo de Edvanda Bonavina da Rosa et al. São Paulo: UNESP, 2010. 575p.

HOMERO. *Iliada*. Tradução e introdução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 536p.

_____. *Odisseia*. Tradução e prefácio de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 424p.

JANSON H. W. *História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 823p.

LESSING, G. E. *Laocoonte ou sobre as fronteiras da pintura e da poesia: com esclarecimentos ocasionais sobre diferentes pontos da história da arte antiga*. Introdução, tradução e notas de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2011. 317p.

MUSEU DE ARTE DO CONDADO DE LOS ANGELES. *Los Angeles County Museum of Art. Museum Associates/ LACMA*. Los Angeles, EUA. Disponível em <https://collections.lacma.org/node/170993> Acesso em 21 ago. 2018.

_____. Los Angeles County Museum of Art. *Museum Associates/ LACMA*. Los Angeles, EUA. Disponível em <https://collections.lacma.org/node/198957> Acesso em 30 ago. 2018.

MUSEU DO LOUVRE. *Musée du Louvre*, Paris, França. Disponível em http://cartelfr.louvre.fr/cartelfr/visite?srv=car_not_frame&idNotice=911&langue=fr Acesso em 26 ago. 2018.

_____. *Musée du Louvre*, Paris, França. Disponível em http://cartelfr.louvre.fr/cartelfr/visite?srv=car_not_frame&idNotice=4708. Acesso em 26 ago. 2018.

MUSEU FITZWILLIAM DA UNIVERSIDADE DE CAMBRIDGE. *The Fitzwilliam Museum*, Cambridge.UK. Disponível em <http://data.fitzmuseum.cam.ac.uk/id/object/1865> Acesso em 06 set. 2018.

OVIDIO. *Metamorfoses*. Tradução Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017. 909p.

PARQUE DO PALÁCIO DE CASERTA. *Parco della Reggia di Caserta*, Campania, Itália. Disponível em <http://www.reggiadicasertaunofficial.it/en/garden/> Acesso em 29 ago. 2018.